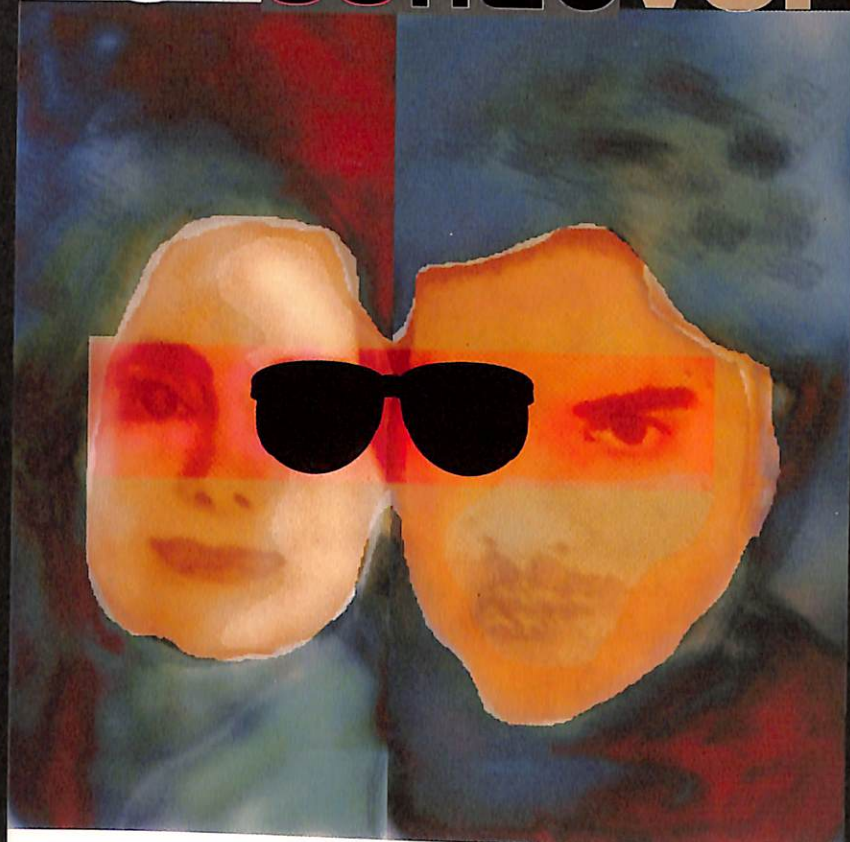


verou não ver



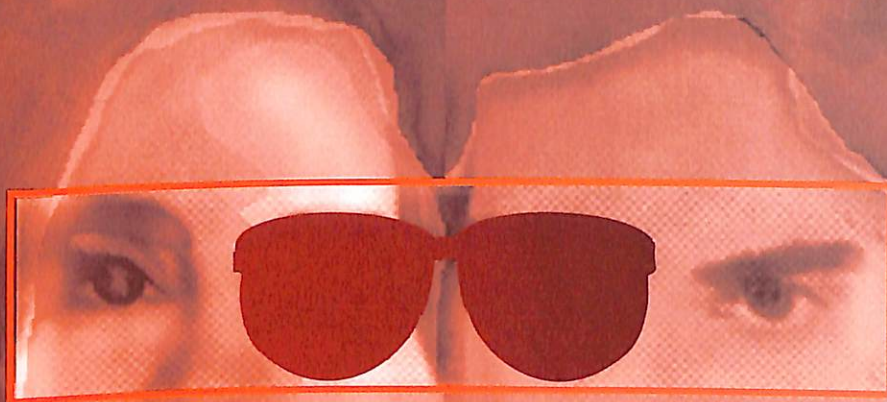
verouñãover



G. Minas Produções Audiovisuais
apresenta

verou não ver

O mundo dos que não vêem como você nunca viu.



over

os que
sto

nor e o ódio,
compensam a
sfera da peça
paixão de um
que precisam
var e Lorelai

Pereira, "Ver
em "ponto de
imagens, os
sibilidade. A
, e sua aluna
de, passam a

convívio dos
urbano, onde

ocorrem as aulas de braille. O autor procura levar o público a reflexão sobre o drama e conflitos, antagonismos e incomunicabilidade de duas pessoas que expõem suas angústias, preconceitos e paixões, num mundo sem o sentido da visão, poucas vezes explorado pelo teatro. A cegueira aparece como um agravante que tende a deixar as emoções dos protagonistas à flor da pele, em um clima dominado pela primazia do tato.

Outra leitura intrínseca da peça é sobre o papel atual da imagem, muitas vezes fragmentada e usada freneticamente, até a pasteurização. Na sociedade de hoje, as pessoas têm a necessidade de experimentar emoções descartáveis, a visão torna-se a excelência da impressão. Isso leva ao questionamento sobre até que ponto o que vemos é o que realmente desejamos, sem interferências e manipulações.

Elisa, interpretada por Lorelai Schneider, é uma bela moça, sensível, discreta, católica e inteligente. A princípio, nutre pelo seu professor uma certa admiração, peculiar àqueles que se espelham em seus mestres. Culto, ateu e solitário, Arnaldo, vivido pelo ator Shelmer Gvar, divide seu apartamento com livros vertidos para o braille e seus CDs de música clássica. Professor de uma instituição para cegos, ele passou a dar aulas gratuitas para Elisa, em seu apartamento, pois a moça, que sempre estudara em escolas modestas, não

G. Minas Produções Audiovisuais
apresenta

verou~nãoover

O mundo dos que não vêem como você nunca viu.



O texto VER OU NÃO VER é a história de dois cegos, "Arnaldo" e "Elisa". Professor e aluna, em pouco tempo uma amizade os uniu. Da amizade passaram para um relacionamento amoroso que, ao ter início a peça, já é intenso, marcado por dramáticas virtualidades.

"Arnaldo" e "Elisa", personagens de VER OU NÃO VER, são, pelo menos para nós, símbolo de uma solitária e marginalizada humanidade que, desprovida da visão, retrai-se para dentro de si mesma e cria um mundo interior cheio de imaginação e sensibilidade.

Dominados por uma sensibilidade cerebral viva e aguda, cultivam uma lúcida razão mais do que experimentada, e desenvolvem uma intensa percepção da essência das coisas.

Convencidos de que o palco é um espaço inusitado para personagens cegos, raramente apresentados em peça teatral, escrevemos VER OU NÃO VER para insuflar vida, sangue, paixões e conflitos que conduzem "Arnaldo" e "Elisa" para um trágico destino.

O Destino, como a divindade cega e inexorável da tragédia grega, transforma-se para os dois não na fatalidade que procede dos deuses, mas da força mítica das paixões humanas. Aprisionados entre as paredes de um modesto apartamento suburbano, ambos, "Arnaldo" e "Elisa", são melancólicos símbolos de uma humanidade que sofre, ama, se antagoniza e odeia, unidos ao mundo por uma janela que lhes é o símbolo da vida.

VER OU NÃO VER pretende, desta forma, demonstrar que o mundo daqueles que não vêem é também a "Flor Azul" de que nos fala o poeta alemão Novalis "a flor que olhos humanos ainda não lograram ver e jo perfume enche, sem embargo, o mundo inteiro".

Geraldo Santos Pereira
Autor



Difícil o trabalho da direção:

Garantir as palavras do autor, a criação dos atores, a arte do cenógrafo, o trabalho do produtor, o brilho do iluminador, as cores do maquiador, a sonoridade do músico, a beleza do figurinista, a qualidade para o espectador.

Ser o 1º espectador – ser o único espectador. Ser o perfeccionista que observa detalhes imperceptíveis, ser o insensível que nada vê, nada entende. Ser cego e só ouvir, ser surdo e só ver, ser cego/surdo. Sentar na extrema esquerda, sentar na extrema direita, sentar no fundo. Ser velho, ser jovem. Ser romântico, ser moderno, ser pós-moderno, ser realista, ser abstrato. Ser chato, ser amigo, ser impaciente, ser parente, ser "da classe", ser crítico, ser o culpado. Ser o olhar feminino, ser a visão masculina.

Só Cristo! Não, nem Cristo!

Outra opção:

Ser humano! Ser falível! Ser limitado!

Procurar com todas as suas forças, com todo o seu trabalho, agradar honestamente a si mesmo.

Gostar ou não Gostar – eis a questão!

Geraldo Octaviano
Diretor



Ficha técnica

Texto

Geraldo Santos Pereira

Produção

G. Minas Produções Audiovisuais
Geraldo Santos Pereira

Produção Executiva

Lorelai Schneider

Direção

Geraldo Octaviano

Elenco

Lorelai Schneider
Shelmer Gvar

Cenário e Figurino

Wesley Simões

Iluminação

Geraldo Octaviano

Trilha Sonora

Trechos de:

Sonata para Violino e Piano em Lá Maior - César Franck,
Quinteto para Cordas em Dó Maior Opus 163 - Franz Schubert
Sinfonia Nº 6 ("Patética") - Piotr Tchaikovsky
Direção musical: Ronaldo Cadeu

Rai Nonato



Locução

Rai Nonato

Maquiagem

Renato Athayde

Programação Visual

Renato Athayde

Divulgação

Carlos Frões

Fotografia

Libia Tavares

Operação de som e Montagem

Rai Nonato

Imagens do primeiro vídeo

Criação: Geraldo Octaviano

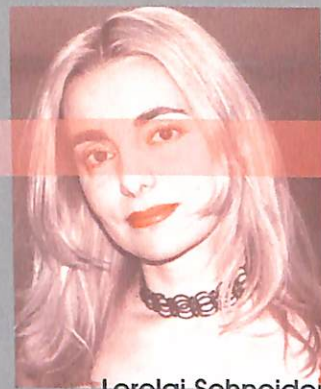


Renato Athayde

"O duelo entre Deus e o Diabo é aqui mesmo na Terra e o campo de batalha o ardente coração humano."
Flódor Dostolévski



Shelmer Gvar



Lorelai Schneider

"Os olhos só vêem aquilo que o coração deseja"

Rubem Alves

O ALFABETO BRAILLE

Louis Braille tinha pouco mais de quinze anos quando inventou o seu código de escrita. O jovem francês, nascido em 1809 em Paris, ficou cego aos três anos de idade. O alfabeto Braille é constituído por seis pontos dispostos em dois grupos verticais de três pontos cada. Este conjunto de pontos constitui uma letra. Estes pontos são saliências no papel com um espaço entre eles muito reduzido, para que cada letra ocupe o menor espaço possível, mas suficientemente afastados para serem facilmente percebidos.

Imagens do segundo vídeo
Trabalho multimídia "Fragmentos de cidade", da artista plástica Valdelice Neves. Orientador conceitual: Prof. Marcos Hill. Produção:
Luiz Otávio Brandão. Participação do coreógrafo e bailarino Lou Monteiro.

O OLHO: JANELA DA ALMA, ESPELHO DO MUNDO
(Esta é a nossa visão, com a ajuda de Marilena Chauí)

Vivemos em uma sociedade onde a importância da visão é hipertrofiada. Falamos em "amor à Primeira vista" e "mau olhado" atribuindo poder mágico aos olhos. Aceitamos discordâncias dizendo que cada qual tem direito a seu "ponto de vista" ou à sua "perspectiva", sem causar-nos estranheza ou crermos que a origem das opiniões dependa do ângulo de onde vemos as coisas. Se pretendemos assegurar que algo é efetivamente verdadeiro, dizemos ser "evidente" e "sem sombra de dúvida", acreditando que a verdade é equivalente à visão perfeita – mas não pensamos com os olhos! –. Dizemos "olha aqui!" quando queremos dizer escute. Chamamos os profetas – aqueles que recebem e proferem uma palavra divina – de "videntes" ainda que eles tenham escutado uma voz. Aconselhamos alguém a "não olhar para trás" nos referindo a tempo.

Com o desenvolvimento tecnológico, a reprodução da imagem passou a ser coisa corriqueira. Tudo tem alguma imagem impressa. O jornal, o panfleto, o cartão telefônico, o out-door, a camisa, os biscoitos, os bolos de aniversário. Vulgarizamos a imagem e exacerbamos o sentido da visão no mundo moderno.

O teatro, como não poderia deixar de ser, também sofre influência desse endeusamento iconográfico. Os espetáculos, além de suas próprias imagens, passam a contar com projetores de vídeo, de computador, de cinema. Desprezamos outras formas também importantes de se comunicar, como o som, o tato, o olfato ou mesmo a própria falta de visão. Acima de tudo, retiramos dos espectadores a possibilidade da imaginação. O grande prazer em ler um livro está exatamente na minha imaginação quando eu, leitor, crio, em minha mente, cada personagem, cada lugar, tudo descrito a partir de letras. Se eu defino a imagem do personagem, eu aniquilo no espectador a sua capacidade de abstração e de criação. Mas se retirarmos o leitor/espectador da posição passiva e contarmos com a imaginação desse para a criação efetiva da arte, ela se tornará muito mais atraente.

VER OU NÃO VER entra nessa discussão e utiliza a imagem usada de forma frenética e da sua ausência para construir a relação com a platéia. Por isso mesmo, estaremos Tateando, auscultando, escondendo, cheirando, gritando, sussurrando, escurecendo, apagando, silenciando, imaginando, sugerindo, instigando, tocando, muito mais do que mostrando.

Franz Schubert (1797-1828)

Nascido em Viena, Áustria, ficou célebre por suas melodias de inspiração espontânea e profunda. Criador do *lied* moderno, foi autor de missas e de músicas de câmara e piano. Romântico, uma melancolia profunda marca o seu gênio. Sua maior obra-prima, o *Quinteto para Cordas em Dó Maior Opus 163*, foi composto um pouco antes de sua morte, como um pressentimento dela. "Nas horas escuras e santificadas de seus últimos dias, ele escreveu as canções mais tristemente belas".

Piotr Tchaikovsky (1840-1893) Nascido na Rússia, foi autor de óperas e sinfonias notáveis. Sofria de uma ansiedade inexplicável e tinha um gênio profundamente atormentado. A *Sinfonia Nº 6 ("Patética")* foi a última obra que Tchaikovsky compôs. Era o testamento em que legava ao mundo a chama de seu gênio e a beleza da sua dor. Quando a estava compondo, declarou: "Coloquei toda a minha alma nesta sinfonia". Faleceu, supostamente por suicídio, pouco depois da estréia da sinfonia que, com sua magnífica beleza, consiste no canto de adeus ao mundo do grande compositor.

César Franck (1822-1890)

Nascido em Liège, Bélgica, autor de páginas célebres de música de câmara (sonatas para violino). Compositor indiferente aos movimentos intelectuais e artísticos que agitavam sua época, sua obra suscitou profundas polémicas, sendo considerado o iniciador do movimento de ruptura e renovação da estética musical francesa.

Sua música é o espelho da luta que susteve, a vida inteira, entre sua sensibilidade impregnada de cristianismo e sua própria sensualidade. Certamente, a fé em Deus o afastou da embriaguez dionisiaca. Mas a luta persiste na intensidade poética de seu estilo.

Compôs a *Sonata para Violino e Piano em Lá Maior* perdida e apaixonado por uma aluna do Conservatório de Paris. Uma paixão e fez sofrer muito.

Agradecimentos:

Ana Paula Araújo
Beth Haas e equipe técnica do Teatro Marília
Cristina Borges
Diretoria da AMI - Associação Mineira de Imprensa
Equipe do Teatro Alterosa
Flávio Teixeira
Francisco Santos
Humberto Resende
Imaculada Simil
Instituto São Rafael
Isabel Dietze
Ivan Chagas
José Magno Simil
Liana Valle

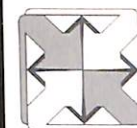
Luiz Otávio Brandão
Magnólia Simil
Márcio Correa Teixeira
Marília Quelroga
Patrícia Quelroga
Dr. Paulo Galvão – Instituto Hilton Rocha
Pedro Valério Alves – Filmaudio

Raulison
SATED
Silvana Paradela
Sula Mavrudis
Tasla P. Valle
Terezinha Araújo
Valdelice Neves
Weber Maia – Telões e Cia.
Yáskara Leal

Agradecimentos especiais:
Juarês Gomes Martins – Instituto São Rafael
Marina Mazzoni e Lúcio Canaan

Homenagens:
Arnaldo Godoy
À memória de Arnaldo Marchesotti

apoio cultural



Centro Cultural
Terra Verde



Pianotécnica
(31)3491-8181

La Treppia

patrocínio

Betânia Incentivo à
Ônibus Cultura
Belo Horizonte
Lei Municipal 6498/93



PREFEITURA DE
TRABALHO PELA VIDA

REALIZADO COM OS BENEFÍCIOS DA LEI
MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA DE BELO HORIZONTE

ver ou não ver

Peça teatral mostra o mundo dos que não vêem como nunca antes foi visto

Uma história que passeia pela linha tênue que separa o amor e o ódio, com um diferencial, seus protagonistas são cegos e por isso, compensam a falta de visão com intuição e sentidos aguçados. Essa é a atmosfera da peça “Ver ou Não Ver”, que transporta para o palco a ardente paixão de um professor e sua aluna, confinados a um mundo reservado àqueles que precisam enxergar muito além da visão. Estrelada pelos atores Shelmer Gvar e Lorelai Schneider, “Ver ou não Ver” tem direção de Geraldo Octaviano.

Escrita pelo cineasta e roteirista mineiro Geraldo Santos Pereira, “Ver ou não Ver” convida o espectador a experimentar um mundo sem “ponto de vista”, em que, obrigados a conviver com a ausência de imagens, os personagens constroem sua vida a partir da imaginação e sensibilidade. A história gira em torno do catedrático Arnaldo, cego de nascença, e sua aluna Elisa, que perdeu a visão em um acidente. Unidos pela amizade, passam a manter um relacionamento amoroso.

Todas as emoções vêm à tona, tempestuosamente, no convívio dos personagens entre quatro paredes de um apartamento suburbano, onde ocorrem as aulas de braille. O autor procura levar o público à reflexão sobre o drama e conflitos, antagonismos e incomunicabilidade de duas pessoas que expõem suas angústias, preconceitos e paixões, num mundo sem o sentido da visão, poucas vezes explorado pelo teatro. A cegueira aparece como um agravante que tende a deixar as emoções dos protagonistas à flor da pele, em um clima dominado pela primazia do tato.

Outra leitura intrínseca da peça é sobre o papel atual da imagem, muitas vezes fragmentada e usada freneticamente, até a pasteurização. Na sociedade de hoje, as pessoas têm a necessidade de experimentar emoções descartáveis, a visão torna-se a excelência da impressão. Isso leva ao questionamento sobre até que ponto o que vemos é o que realmente desejamos, sem interferências e manipulações.

Elisa, interpretada por Lorelai Schneider, é uma bela moça, sensível, discreta, católica e inteligente. A princípio, nutre pelo seu professor uma certa admiração, peculiar àqueles que se espelham em seus mestres. Culto, ateu e solitário, Arnaldo, vivido pelo ator Shelmer Gvar, divide seu apartamento com livros vertidos para o braille e seus CDs de música clássica. Professor de uma instituição para cegos, ele passou a dar aulas gratuitas para Elisa, em seu apartamento, pois a moça, que sempre estudara em escolas modestas, não

ver ou não ver

dispunha de dinheiro para aulas em colégios melhores. Arnaldo amarga em sua vida uma separação de um casamento malsucedido. Aos poucos, sua dedicação docente vai cedendo lugar à paixão, pois sente que sua aluna pode torná-lo feliz.

O sentimento torna-se recíproco, e o pequeno apartamento é o cenário exclusivo de seus mundos, invadido apenas, à vezes, por ruídos que vêm da rua e dos vizinhos. Mas, aos poucos, as diferenças vão se acentuando. A relação, que devido à deficiência exige uma estreita cumplicidade, sucumbe, diante dos conflitos, dogmas, conceitos e vivências, inerentes a todo relacionamento, e que desconhecem limitações. Tudo se complica ainda mais, devido ao que o destino reserva aos personagens.

“Ver ou Não Ver” tem produção da G.Minas Produções Audiovisuais/Geraldo Santos Pereira. Wesley Simões assina o cenário e o figurino. A iluminação fica a cargo de Geraldo Octaviano. Renato Athayde cuida da programação visual. A fotografia é de Líbia Tavares. A trilha sonora reúne trechos de César Franck, Franz Schubert e Tchaikovsky com direção musical de Ronaldo Cadeu. A peça exhibe trechos do vídeo-instalação “Fragmentos de Cidade” da artista plástica e vídeo-artista Valdelice Neves.

ver ou não ver

GERALDO SANTOS PEREIRA

Geraldo Santos Pereira nasceu em Visconde de Rio Branco, Minas Gerais, exerceu o jornalismo em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, fundou o Clube de Cinema de Minas Gerais, formou-se em Direito pela UFMG e na década de 50, com bolsa de estudos do governo francês, cursou o “Institut des Hautes Études Cinématographiques”, de Paris.

Trabalhou como primeiro assistente de direção na histórica Companhia Cinematográfica Vera Cruz de São Paulo e posteriormente, com o fechamento da empresa, voltou ao jornalismo, atuando como redator da *Folha da Noite*, de São Paulo e como apresentador do programa *Feirinha Noturna* da TV Record.

Transferiu-se para o Rio de Janeiro para exercer atividades no Ministério da Educação e Cultura como membro e secretário-geral da Comissão Federal de Cinema e Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica.

Realizou 14 filmes documentários, vários deles para o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), com supervisão técnica de Humberto Mauro.

Mesmo residindo no Rio de Janeiro por 38 anos, Geraldo realizou todos os seus filmes de longa-metragem em Minas Gerais: *Rebelião em Vila Rica* (Mention d'Honneur no Festival Mundial do Filme de Bruxelas de 1958), *Grande Sertão*, *Balada dos Infieis*, *O Seminarista* (Melhor Filme Nacional de 1977 pela Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA) e (Prêmio Governador do Estado de São Paulo de Melhor Partitura para Cinema), *O Sol dos Amantes*, e, em 2000, *O Aleijadinho-Paixão*, *Glória e Suplício* (prêmio de Melhor Ator no Festival de Cinema do Recife de 2001).

Além de suas atividades como roteirista, produtor e diretor cinematográfico, Geraldo Santos Pereira lecionou cinema na UFMG, escreveu os livros *Plano Geral do Cinema Brasileiro*, *O Sol dos Amantes* e *Ciranda Barroca*, foi diretor do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica e da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos.

Em 1959, Geraldo obteve o 1º Prêmio de Poesia do Concurso “Saint Exupéry”, promovido pelo jornal “O Globo” e, em 1976, foi um dos seis premiados no Concurso de Roteiros Originais realizado pela EMBRAFILME, com *O Cangaceiro* e *o Samurai*.

Em 1982 recebeu a Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Enquanto prepara o lançamento nacional de *O Aleijadinho*, está se dedicando agora também ao teatro, com o espetáculo *Ver ou Não Ver*, de sua autoria. Pretende ampliar suas produções em teatro, já tendo duas outras peças teatrais em preparação.

GERALDO OCTAVIANO

Nome completo: Geraldo Ângelo Octaviano de Alvarenga
Registro Profissional: RPMT 2905 SATED 2795

BREVE CURRÍCULO

Geraldo Octaviano é diretor, iluminador e produtor atuante em Belo Horizonte. Dentre seus principais trabalhos, destacam-se:

COMO DIRETOR

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis - 1991
Teatro SESIMINAS/Teatro Francisco Nunes
Miguilim, de Guimarães Rosa - 1994/1995
Teatro Francisco Nunes/Teatro Marília/Teatro Dom Silvério
Juca Mulato, de Menotti del Picchia - 1996/1997
Teatro Francisco Nunes/Teatro Marília/Teatro Dom Silvério
A Sogra do meu Marido, de Geraldo Octaviano - 1996
Teatro Marília
As Loucas, de Cidinha Caetano - 1996
Teatro ICBEU
Cilada, de Wilmar Silva - 1997
Teatro Marília/Teatro Francisco Nunes
Pardal de Rapina, de Wilmar Silva - 1998
Centro de Cultura Belo Horizonte
Sítio do Picapau Amarelo, A Reforma da Natureza, de Monteiro Lobato
1999
Teatro Marília/Teatro Francisco Nunes
Teatro da Maçonaria/Teatro Santo Agostinho
Manu, Uma História sobre o Tempo, de Michael Ende - 2000
Teatro Marília

COMO ILUMINADOR

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis - 1991
Teatro SESIMINAS/Teatro Francisco Nunes
Miguilim, de Guimarães Rosa - 1994/1995
Teatro Francisco Nunes/Teatro Marília/Teatro Dom Silvério
O Mambembe, direção de Chico Pelúcio - 1994
Juca Mulato, de Menotti del Picchia - 1996/1997
Teatro Francisco Nunes/Teatro Marília/Teatro Dom Silvério

verou não ver

A Sogra do meu Marido, de Geraldo Octaviano - 1996

Teatro Marília

As Loucas, de Cidinha Caetano - 1996

Teatro ICBEU

Dona Baratinha quer Casar, direção de José Antônio do Carmo - 1997

Teatro Marília/Teatro ICBEU

Cilada, de Wilmar Silva - 1997

Teatro Marília/Teatro Francisco Nunes

Pardal de Rapina, de Wilmar Silva - 1998

Centro de Cultura Belo Horizonte

Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato - 1999

Teatro Marília/Teatro Francisco Nunes

Teatro da Maçonaria/Teatro Santo Agostinho

Manu, Uma História sobre o Tempo, de Michael Ende - 2000

Teatro Marília

Bordel de Véu, de Shelmer de Queiroga

Direção de Marcos Vogel - 1998

Teatro da Maçonaria/Biblioteca Pública/Teatro da Assembléia

Festival de Teatro de Curitiba de 1999

Teatro do Sesi Mariana-MG 1999

Bento, Cabeça de Vento

Direção de Glicério Rosário - 2000/2001

Teatro Santo Agostinho/Teatro Marília/Teatro Izabella Hendrix

COMO PRODUTOR

Miguilim, de Guimarães Rosa

Juca Mulato, de Menotti del Picchia

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

A Sogra do Meu Marido, de Geraldo Octaviano

Cilada, de Wilmar Silva

Sítio do Pica-Pau Amarelo – A Reforma da Natureza, de Monteiro Lobato

Manu – Uma História sobre o Tempo, de Michael Ende.

Lorelai Schneider

BREVE CURRÍCULO

LORELAI SCHNEIDER iniciou sua carreira artística em Belo Horizonte, onde se graduou em Comunicação Social pela UFMG.

Foi aluna da *Oficina de Teatro – Escola de Artes Cênicas*, onde fez seu primeiro trabalho no teatro, dirigido por Luciano Luppi – a peça *Eu te Compreendo*, de Antônio Roberto Soares.

Estreou profissionalmente como atriz fazendo papéis no teatro infantil em 1987. Desde então, tem sido dirigida por alguns dos maiores diretores de teatro de Belo Horizonte.

Além de atriz, é produtora cultural. Tem feito produções para teatro e para outras frentes da produção cultural: foi a empreendedora da reativação do Teatro da Associação Mineira de Imprensa (Teatro AMI) em 1994; é militante pela implantação do Eixo Cultural Rua da Bahia; é diretora artística da Sociedade Cultural Teuto-Brasileira, pertence à diretoria da ONG cultural URBICULT e à diretoria da Associação Mineira de Imprensa.

Entre as suas atuações, destacam-se:

TRABALHOS COMO ATRIZ NO TEATRO

- **SEM NEXO, SEM PLEXO, CAPÍTULO FINAL**, Criação do grupo Minas Artes Gerais
Direção de Ênio Reis
1987 - Minascentro
- **COR LOCAL**, de Cunha de Leiradella
Direção de Elvécio Guimarães
1988 – Teatro Ceschiatti do Palácio das Artes
- **CHAPEUZINHO AMARELO**, de Chico Buarque
Direção de Kalluh Araújo
1989 – Teatro Sesiminas
- **O GATO DE BOTAS**, de Perrault, adaptação de Denise Crispun

ver ou não ver

Direção de Margarida Drummond

1990/1991 – Teatro Francisco Nunes

- **ENTRE QUATRO PAREDES**, de Jean Paul Sartre (indicação para o Prêmio Cauê para as Artes Cênicas de 1991)

Direção de Miguel Rezende

1990 a 1992 – Casa de Cultura Osvaldo França Jr. e Teatro Marília

- **MORTE E VIDA SEVERINA**, de João Cabral de Melo Neto

1992 – Teatro Francisco Nunes

- **VESTIDO DE NOIVA**, de Nelson Rodrigues

1996 – Teatro AMI

- **A MULHER SEM PECADO**, de Nelson Rodrigues

1996/1997 – Teatro AMI

- **VER OU NÃO VER**, de Geraldo Santos Pereira

Direção: Geraldo Octaviano

2001 – Teatro Alterosa

As Leituras Dramáticas:

- **PASTORAL DA HERESIA**, direção de Jota Dângelo

1996 – Teatro Klauss Vianna

- **JUDAS**, direção de Elvécio Guimarães

1996 – Teatro Sesiminas

- **BOLO DE NOZES**, de Edla van Steen

Direção: Mamélia Dornelles

2000 – Teatro da Praça

TRABALHOS COMO PRODUTORA TEATRAL

- **COR LOCAL**, de Cunha de Leiradella
- **MORTE E VIDA SEVERINA**, de João Cabral de Melo Neto
- **ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA**, de Cecília Meireles
- **CUIDADO PRO PAPAÍ NÃO DESCOBRIR**, de Mauro Alvim

TRABALHO COMO ATRIZ EM VÍDEO

O teledrama dirigido por Iacov Hillel (São Paulo)

- **A FALECIDA**, de Nelson Rodrigues

TRABALHOS COMO ATRIZ EM TELEVISÃO

Atuou em quadros semanais de “Os Alegríssimos” no extinto programa Clubinho da Tia Dulce - TV Alterosa

Atuou na mini-série

OS ELEFANTES SE ALIMENTAM DE FLORES, de Roberto Drummond

Direção: Breno Milagres

Personagem: Leda

Rede Minas de Televisão/ 12 capítulos

Ano: 2001

TRABALHOS COMO ATRIZ EM CINEMA

O CIRCO DAS QUALIDADES HUMANAS

Longa-metragem – 2000

Direção: Jorge Moreno, Geraldo Veloso, Milton Alencar, Paulo Augusto Gomes

Personagem: A Declamadora

AMOR PERFEITO (inédito)

Longa-metragem – 2001

Direção: Geraldo Magalhães

Personagem: Moça da Igreja da Pampulha

DESCONFIANÇA, de Olavo Romano

Curta-metragem - 2001

Direção: Ricardo de Paula

Personagem: Marieta

PRÊMIOS

- Indicação para o Prêmio Cauê / SATED para as Artes Cênicas de 1991 – Melhor Atriz – Espetáculo *Entre Quatro Paredes* de Jean-Paul Sartre
- Prêmio SESC / SATED de Artes Cênicas de 1999 – Reconhecimento Artístico

SHELMER GVAR

FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Cursos:

- Interpretação Teatral

PROFESSOR: JONAS BLOCH

- CARPINTARIA DO ATOR

PROFESSOR: CECIL THIRÉ

- ATOR EM CENA

PROFESSOR: JONAS BLOCH

TRABALHOS COMO ATOR

PARA O TEATRO:

2000-A **MEGERA DOMADA** - DE WILLIAM SHAKESPEARE

DIREÇÃO: JÚLIO MACKENZIE

PERSONAGEM: PETRUCCHIO

TEATRO DA ASSEMBLÉIA

1998 / 1999-**BORDEL DE VÉU** – DE SHELMER GVAR

DIREÇÃO: MARCOS VOGEL

PERSONAGEM: ADÍLIO

TEATRO DA MAÇONARIA/Sala Multimeios –Biblioteca
Pública)

*TEATRO DA ASSEMBLÉIA/TEATRO ANTÔNIO CARLOS
KRAIDE (FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA - PR)*

TEATRO SESIMINAS – MARIANA - MG

A GATA CRISTIE - DE RONALDO BOSCHI

DIREÇÃO: RONALDO BOSCHI

PERSONAGEM: ZÉ

TEATRO MAI

O URSO - DE ANTON TCHECOV

DIREÇÃO: RONALDO BOSCHI

PERSONAGEM: VELHO LUCAS

TEATRO MAI

OS CEGOS - DE GUELDERODE

DIREÇÃO: RONALDO BOSCHI

PERSONAGEM: O CEGO “DE STROPE”

TEATRO MAI

1988-**OS DONOS DA MADRUGADA** - DE ARMANDO AGUIAR

DIREÇÃO: ARMANDO AGUIAR

ver ou não ver

PERSONAGEM: FERNANDO
TEATRO DO SESC – BELO HORIZONTE
(PRÊMIO DO FESTIVAL SESC 1988 MELHOR ESPETÁCULO)

PARA O CINEMA

OS LONGAS-METRAGENS:
1999-**ALEIJADINHO – PAIXÃO, GLÓRIA E SUPLÍCIO**
DIREÇÃO: GERALDO SANTOS PEREIRA
PERSONAGEM: TENENTE JOSÉ ROMÃO

2001-**AMOR PERFEITO**
DIREÇÃO: GERALDO MAGALHÃES

PARA A TELEVISÃO

TELEDRAMATURGIA – (MINISSÉRIE)
2000-**OS ELEFANTES SE ALIMENTAM DE FLORES**
DIREÇÃO: BRENO MILAGRES
PERSONAGEM: JAGUNÇO SALÚ/REDE MINAS - 12 CAPÍTULOS

TELEDRAMATURGIA – (MÉDIA-METRAGEM)
1999-**LIBERDADE AINDA QUE TARDIA**
DIREÇÃO: DENIS CURI
PERSONAGEM: RADIALISTA PAULINHO/REDE MINAS

TRABALHOS COMO PRODUTOR

PARA O TEATRO:

1998 / 1999-**BORDEL DE VÉU – DE SHELMER GVAR**
PRODUÇÃO: SHELMER GVAR
TEATRO ANTÔNIO CARLOS KRAIDE (FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA - PR)
TEATRO SESIMINAS – MARIANA - MG
INDICAÇÃO PARA MELHOR CENÁRIO – 1998 PRÊMIO BONSUCESO DE ARTES CÊNICAS)
INDICAÇÃO PARA MELHOR ILUMINAÇÃO – 1998 IV PRÊMIO SESC / SATED)
INDICAÇÃO PARA MELHOR TRILHA SONORA – 1998 IV PRÊMIO SESC / SATED)

HOJE

e-mail cultura@hojeemdia.com.br

CULTURA

PÁGINA 1 Belo Horizonte, quarta-feira, 26/9/2001

TEATRO

VER OU NÃO VER

História de amor e ódio vivida entre casal de cegos. Texto: Geraldo Santos Pereira. Direção: Geraldo Octaviano. Com: Lorelai Schneider e Shelmer Gvar. Teatro Alterosa. Avenida Assis Chateaubriand, 494. Horários: terça e quinta, 21 horas. Ingresso: R\$ 10. Até 27/9.



Ver ou não ver: eis a questão

Shelmer Gvar e Lorelai Schneider durante ensaios de peça que propõe uma análise das motivações e do alcance filosófico da imagem: "da relação corriqueira decorre o envolvimento amoroso e surge o conflito"

MIGUEL ANUNCIÃO

CRÍTICO ESPETÁCULOS

"Mas você é um homem de cinema!", argüíram os amigos, assim que Geraldo Santos Pereira anunciou sua estreia teatral. "Sem pretender comparar, lembrei que Bergman, Elia Kazan e Visconti também foram homens de cinema que visitaram o teatro", defendeu-se o cineasta do recente "O Aleijadinho". Produzido com R\$ 15 mil, via lei de incentivo municipal, "Ver ou Não Ver", o fruto da inclinação tardia de Pereira, se mantém até amanhã em cartaz no Teatro Alterosa, sempre a partir de 21 horas.

Com 1h10 de duração, a peça trata da relação de um jovem par como (quase) todos os outros - eles são cegos. Arnaldo já nasceu sem enxergar, é culto e professor. Se propõe a dar aulas a Elisa, que perdeu a visão num acidente. Da relação corriqueira decorre o envolvimento amoroso e o conflito: após uma cirurgia, Elisa volta a enxergar e desfaz a relação que Arnaldo deseja preservar.

Geraldo Octaviano, diretor do espetáculo, diz que a fábula de "Ver ou Não Ver" aludiria "à deturpação atual da visão". Registra que "hoje em dia, há uma supervalorização da imagem, as pessoas passam horas vendo TV, na Internet. Há certo egoísmo nisto, neste isolamento. Não sou assim, sou um homem que gosta de ler. No caso desta destruição de agora, acho que até irrita a repetição que a TV faz das imagens. Ela provoca raiva contra os Estados Unidos, em vez de conseguir a adesão das pessoas".

O texto não se inspirou nos fatos terroristas em solo norte-americano. "Já tinha esta idéia na cabeça há muito tempo, desde a amizade que mantive com um pianista cego, daqui de Belo Horizonte. Resolvi escrever depois de ler 'Longa Jornada Noite Adentro', de Eugene O'Neil", relata.

O próprio autor tencionava dirigir, mas passou adiante a incumbência, em razão dos compromissos de lançamento e divulgação de "O Aleijadinho", que, alás, dia 3 de outubro participa do 9º Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá (MT). "Havia passado o texto para o Shelmer (agora Gvar), que fez muito bem o tenente José Romão de 'Aleijadinho'. Ele resolveu montar com a namorada, a Lorelai (Schneider, produtora executiva da montagem), e chamaram o Geraldo para dirigir". A escolha agradou ao criador. "É um diretor jovem, criativo, talentoso, interessado, sensível. Fiquei surpreendido", destaca Pereira.

A temporada de largada, de somente três sessões, foi precedida de dois meses de ensaios e pré-estreias no Instituto São Rafael, que dá suportes a deficientes visuais na capital. "Pretendo fazer um agradecimento público ao Arnaldo Godoy (ex-vereador e secretário municipal de cultura), pelas observações e sugestões que fez depois de ter lido o texto", antecipa Pereira.

Depois do Alterosa, "Ver ou Não Ver" pode cumprir uma turnê pelo interior, começando por Sabará, Ouro Preto, Pouso Alegre e Poços de Caldas. Até lá, Pereira mantém outro balneário na cabeça: termina um roteiro (para vídeo digital) sobre a Princesa Isabel, boa parte com locações na Caxambu de 1868.

→ "Ver Ou Não Ver" - Em cartaz no Teatro Alterosa. Outras informações no retorno da página 1.

ARTES CÊNICAS

CINEASTA GERALDO SANTOS PEREIRA ESTRÉIA COMO DRAMATURGO COM A PEÇA "VER OU NÃO VER", NO TEATRO ALTEROSA, SOBRE O ROMANCE ENTRE DEFICIENTES VISUAIS

AMOR EM TODOS OS SENTIDOS

SÉRGIO RODRIGO REIS

Uma história de amor com todos os conflitos intrínsecos, porém com um diferencial: os protagonistas são deficientes visuais e, por isto, compensam a falta da visão aguçando outros sentidos. Este é o mote da peça *Ver ou não ver*, que chega hoje, às 21h, ao Teatro Alterosa, e marca a estréia do cineasta Geraldo Santos Pereira à frente de um roteiro de montagem teatral. Estrelada pelos atores Shelmer Gvar (Arnaldo) e Lorelai Schneider (Elisa), a peça transporta para o palco a ardente paixão de um professor e sua aluna e convida o público a experimentar um mundo, a princípio, sem "ponto de vista".

Para retratar este universo, a atriz Lorelai Schneider explica que, primeiro, a equipe tentou não seguir estereótipos. Para isto, fizeram um laboratório no Instituto São Rafael. "Foi quando percebemos que estávamos equivocados com alguns conceitos", revela. Depois disto, o primeiro procedimento foi ensaiar o espetáculo como se o tema não envolvesse a falta da visão. Depois desta etapa, os atores vendaram os olhos e tiveram que reconstruir as cenas para o contexto de quem não enxerga.

Ver ou não ver quer ir além da deficiência visual. "Queremos falar ainda da exacerbação da imagem no mundo moderno. Vivemos em uma civilização muito imagética e, por isto, não usufruímos devidamente os outros sentidos", opina a atriz. Segundo Lorelai, esta experiência a tornou uma outra pessoa. "Nunca tinha trabalhado em cima deste método, baseado na expressão corporal. E com um diferencial: a emoção é muito forte neste trabalho. A ponto de os gestos corporais ficarem emocionantes. Ela fará chorar", aposta.

Nesta história de amor sem limites há um outro porém. A aluna Elisa tem a opção de voltar a enxergar caso se submeta a uma cirurgia na córnea. Já o professor Arnaldo



LIBIA TAVARES/DIVULGAÇÃO

não tem esta chance. E mais: acha que ela não deve tentar voltar a enxergar porque, na sua opinião, o mundo está muito negativo. Para dar veracidade às cenas, os atores contaram ainda com a experiência do diretor Geraldo Octaviano. Para Lorelai Schneider, o trabalho de construção das cenas foi incrível. "Ficou muito autêntico."

SERVIÇO

VER OU NÃO VER

De Geraldo Santos Pereira, direção de Geraldo Octaviano, com Lorelai Schneider e Shelmer Gvar. De hoje a quinta-feira, às 21h, no Teatro Alterosa (avenida Assis Chateaubriand, 499, Floresta). Ingressos: R\$ 10,00 (meia para todos).

SEM ESTEREÓTIPOS

Lorelai Schneider e Shelmer Gvar fizeram diversos tipos de laboratório para encenar "Ver ou não ver"

QUEREMOS PAZ

APÓI
ENVIE SUA MENSAGEM PARA
OU CARTAS PARA O SEGUINTE ENDEREÇO: AV. BABITA CAM

O TEMPO

BELO HORIZONTE • ANO 5 • NÚMERO 1.759 • TERÇA-FEIRA, 25/9/2001 • (OUTROS ESTADOS: R\$ 1,10)

Magazine

O TEMPO • BELO HORIZONTE • TERÇA-FEIRA, 25/9/2001

O TEMPO

MAGAZINE

ROTEIRO

BELO HORIZONTE • TERÇA-FEIRA • 25 DE SETEMBRO DE 2001

'Ver ou Não Ver' estreia no Alterosa

LUCIANA AVELINO
REPÓRTER

Estréia, hoje, no Teatro Alterosa, o espetáculo "Ver ou Não Ver", a primeira peça escrita pelo cineasta e roteirista Geraldo Santos Pereira. O espetáculo, dirigido por Geraldo Octaviano, aborda um caso de amor entre um casal de cegos e fica em cartaz apenas até a próxima quinta-feira.

Em "Ver e Não Ver", os atores Shelmar Gvar e Lorelai Schneider dão vida aos protagonistas da trama, o professor Arnaldo, cego de nascença, e sua aluna, Elisa, que perde a visão em um acidente de carro. "Entre uma aula e outra de braille, os dois acabam se apaixonando, mas a relação é abalada com uma bem-sucedida operação de transplante de córneas, que traz de volta a visão de Elisa. A partir daí, vários conflitos vêm à tona."

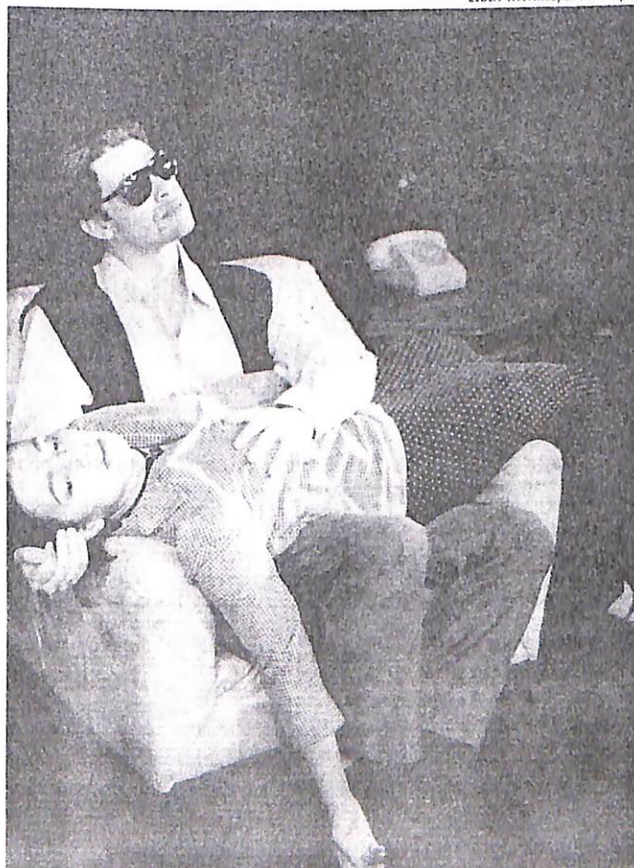
Autor de 14 documentários e seis longas – sendo "Aleijadinho", o mais recente –, Pereira conta que a peça é um antigo projeto, escrito em 1998, que teve como ponto de partida a admiração por dois companheiros cegos. Um de-

les foi o amigo Arnaldo Marchetti, morto há alguns anos, que era pianista e professor da escola São Rafael.

"Fomos grandes amigos e, através dessa união, pude entrar em contato com seu universo introspectivo e sensível. Outro que homenageio é o brilhante vereador Arnaldo Godoy, ex-secretário de cultura de Minas. Esses dois exemplos de vida me instigaram a criar uma história para revelar um pouco da vida interior de pessoas como essa deficiência."

Com o espetáculo aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura este ano, Pereira convidou Gvar – que também está no elenco de "Aleijadinho" –, para interpretar o professor Arnaldo e dividir o palco com Lorelai, ganhadora do prêmio Sesc/Sated de Artes Cênicas, de reconhecimento artístico, em 1999.

AGENDA – Estréia de "Ver ou Não Ver", hoje, às 21h, no Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta). De hoje a 5ª, às 21h. R\$ 10.



Cena de "Ver ou Não Ver", que fica em cartaz até quinta no Alterosa

LÍBIA TAVARES/DIVULGAÇÃO

GAZETA MERCANTIL MINAS GERAIS - SEGUNDA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2001

“Ver ou não Ver” estréia no Teatro Alterosa

Peça foi escrita pelo roteirista e cineasta Geraldo Santos Pereira

Daniela Palva Pacheco
dalmelda@gazetamercantil.com.br

A história da paixão entre professor e aluna se transporta para o palco na figura de dois protagonistas cegos em “Ver ou Não Ver”, peça que estréia, amanhã, às 21h, no Teatro Alterosa, em Belo Horizonte. Escrita pelo cineasta e roteirista mineiro Geraldo Santos Pereira (“Aleijadinho, Paixão, Glória e Suplício”), a montagem convida o público a embarcar em um mundo onde a ausência de imagens resulta no aprimoramento da intuição e da percepção de outros sentidos, modificando a maneira de agir no dia-a-dia. “As pessoas não têm paciência de ouvir. Eles (cegos) prestaram atenção na leitura de todo o nosso roteiro”, conta a atriz Lorelai Schneider.

Ela interpreta Elisa, uma jovem que perdeu a visão em um acidente, e tenta se adaptar a nova situação. Nesta busca, encontra Arnaldo, professor de braille e cego de nascença, por quem se apaixona depois do constante convívio entre as quatro paredes do apartamento suburbano.

Como na maioria dos relacionamentos humanos, os conflitos não tardam a aparecer, no caso, provocados pelo desejo da aluna de voltar a enxergar. “Ele tenta convencê-la de que isso não é necessário usando como argumento o lado corrompido do homem, como a fome e as guerras. Ela, entretanto, fala da beleza do pôr do sol. A dualidade está formada e deixa transparecer a insegurança de Arnaldo”, afirma o ator Shelmer Gvar.

As imperfeições sociais também se revelam por meio de imagens distorcidas projetadas no decorrer da peça, além da crítica implícita à supervalorização do sentido da visão. “A gente não desenvolve muito o tato, por exemplo. Quando se vai a uma fes-



Shelmer Gvar e Lorelai Schneider vivem casal de cegos em produção teatral

ta, você quer marcar a presença pela aparência, se aprontando, e em menos de três minutos de conversa desvia o olhar para ver quem está chegando”, diz Lorelai Schneider.

Para interpretar personagens cegos, os atores passaram horas no Instituto São Rafael, aprendendo a usar bengalas e ter noções de braille, e acabaram tirando uma lição maior, expressa na peça, que foge aos clichês ligados ao deficiente visual. “Eles têm características iguais a todos os seres humanos e quisemos mostrar isso”, explica a atriz. No teatro, a dupla começou trabalhando o conflito do casal como pessoas sem problemas visuais e, depois, ensaiaram com vendas

nos olhos para vivenciar um pouco a situação. “Procuramos encontrar nosso próprio movimento de corpo na não visão”, afirma Shelmer Gvar.

“Ver ou Não Ver” foi realizada com recursos obtidos por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura e fica em cartaz no Teatro Alterosa até o dia 27 de setembro, com sessões sempre às 21h.

ONDE ENCONTRAR

“Ver ou Não Ver”

Período: 25 a 27 de setembro

Horário: 21h

Local: Teatro Alterosa - Belo Horizonte

Endereço: av. Assis Chateaubriand, 499

- Floresta

Ingressos: R\$ 10

Mais informações: (31) 3237.6611